
RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS NARRATIVAS DE TRÊS MÃES,
CAMPO GRANDE, MS¹

Isabel Ribeiro Barbacena UEMS/ Pedagogia²

Jullyanne Ricartes de Oliveira de Oliveira UEMS/ Pedagogia³

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados de uma pesquisa de campo desenvolvida no âmbito do Projeto de Ensino e Pesquisa da Disciplina Gênero e Educação, intitulado *Memórias de mães e/ou pais sobre as vivências da sexualidade e relações de gênero dos/as filhos/as*. A proposta visa analisar registros de memória de mães abordando as vivências relacionadas à sexualidade e às relações de gênero de seus filhos e/ou filhas. Para tanto, foram feitas três entrevistas, gravadas e orientadas por um roteiro previamente elaborado e posteriormente transcritas. As entrevistadas voluntárias foram três mulheres na faixa etária de 43 a 48 anos de idade. Os dados foram analisados por meio das contribuições teóricas de pesquisadores do campo da sexualidade e do gênero estudadas na referida disciplina no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A partir da produção dos dados, identificamos a construção da identidade e o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, as relações sociais vividas no grupo familiar e entre amigos. Os resultados evidenciam que essas mães tiveram pouca ou nenhuma informação sobre a educação sexual na sua trajetória escolar ou no período da adolescência e na vida adulta. Esses aspectos repercutiram de maneira diferenciada na educação dos filhos e/ou filhas, tendo em vista ainda que a classe social e o nível cultural tiveram grande influência.

Palavras-chave: Educação sexual. Relações de gênero. Sexualidade. Família.

ABSTRACT

The present work has the objective of presenting the results of a field research developed in the Teaching and Research Project of the Gender and Education

¹ Trabalho desenvolvido durante a disciplina de Gênero e Educação, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Prof^a Dr^a Léia Teixeira Lacerda.

² Egressa do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande. E-mail: belinharb@yahoo.com.br

³ Egressa do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Campo Grande. E-mail: ricartesju@gmail.com



Discipline scope, entitled Mothers' and/or fathers' memories about the experiences of children sexuality and gender relations. The proposal aims to present analyze mothers' memory records addressing the experiences related to sexuality and gender relations of their sons and/or daughters. For this, three interviews were made, recorded and guided by a script previously elaborated and later transcribed. The voluntary interviewees were three women, aged between 43 and 48 years old. The data were analyzed through the theoretical contributions of researchers in the field of sexuality and gender studied in that discipline in the Pedagogy course at the State University of Mato Grosso do Sul. From the production of the data, we identified the construction of identity and the psychosexual development of children and adolescents, the social relationships experienced in the family group and between friends. The data were analyzed through the theoretical contributions of scholars in the field of sexuality and gender studied in that discipline, in the Pedagogy course at the State University of Mato Grosso do Sul. The results show that these mothers had little or no information about education in their school trajectory or during adolescence and adulthood. These aspects had a different impact on the education of sons and/or daughters, bearing in mind that social class and cultural level had a great influence.

Keywords: Sex education. Gender relations. Sexuality. Family.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar um registo de memória de Pais e Mães sobre vivências relacionadas à sexualidade e relações de gênero de seus filhos e/ou filhas, sendo componente do Projeto de Ensino e Pesquisa da Disciplina Gênero e Educação, intitulado *Memórias de Mães e/ou Pais sobre as vivências da Sexualidade e Relações de Gênero dos/as filhos/as*. Diante disso, é abordada a construção da identidade, como valores, crenças, cultura e a própria sexualidade, e o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes nas relações sociais com a família e amigos em diferentes espaços sociais, estabelecendo um elo com os teóricos abordados na disciplina, com a finalidade de contribuir com as práticas pedagógicas oferecidas às crianças.

Para este fim, foram feitas três entrevistas gravadas, as quais foram orientadas por um roteiro previamente elaborado, e transcritas. Os entrevistados voluntários foram três

mulheres, A.V.P., de 43 (quarenta e três) anos, M.P., de 48 (quarenta e oito) anos e A.R.G., de 45 (quarenta e cinco) anos. As entrevistadoras são representadas por E.

As memórias apresentadas durante a entrevista acabam por desencadear diversas reflexões sobre a vida do participante, coincidindo com a conclusão da pesquisa de Pimenta (2006), apresentada no livro *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos*:

Descobrimos além disso que, na utilização dessa técnica geralmente surge a libertação de um pensamento crítico reprimido, que chega muitas vezes com a tonalidade de confiança, pois não deixou de ser uma "olhada cuidadosa" sobre a própria vivência, que forneceu informações extremamente significativas para a análise do vivido pelos envolvidos na pesquisa. (PIMENTA, 2006, p. 81)

Tratar sobre a sexualidade ainda é um tabu entre muitas famílias, de modo que muitos pais não abordam esse assunto em suas casas. Sexo, gênero, homossexualidade, entre outras questões não são tratadas e dialogadas de forma natural e informativa, assim filhos e filhas acabam por procurar referências na escola, internet ou com amigos. Muitos pais, criados em famílias que censuravam totalmente esse tema, tendo em vista a época em que viviam, fazem o mesmo ou parecido em suas casas, mesmo que atualmente a reflexão a respeito disso tenha sofrido mudanças, tendo em vista a grande discussão acerca do tema, diminuindo o preconceito e a censura.

As entrevistadas têm histórias de vida muito distintas e isto influenciou diretamente não apenas no modo de tratar sobre sexualidade e relações de gênero com seus filhos, mas também no seu entendimento acerca do assunto. Além disso, a educação sexual não foi proporcionada a nenhuma delas pelas suas famílias, quando crianças ou adolescentes, e isto refletiu de maneiras diferentes. Atribui-se a essa questão a fala de Louro (2000, p. 3) no momento em que aponta alguns questionamentos sobre a sexualidade em seu tempo, como o que se devia aprender o que se sabia ou o que fazer no momento. Diante disso, discorre:

Certamente as respostas a essas questões dependiam (e dependem) de inúmeros fatores. Geração, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia seriam algumas das marcas que poderiam ajudar a ensaiar uma resposta.



De modo especial, as profundas transformações que, nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e de homens e alterando concepções, as práticas e as identidades sexuais teriam de ser levadas em consideração. Jovens ocidentais de grandes cidades do final do século XX terão, sem dúvida, outras respostas (seguramente, outras perguntas) se comparados com a jovem que eu fui e com jovens de outras épocas, outras regiões. (LOURO, 2000, p. 3).

Entende-se, assim, que a discussão e a noção de sexualidade variam de acordo, não só com a época, mas também com questões como cultura, raça e religião, tendo em vista que cada uma tem seus valores e crenças, estabelecendo noções, principalmente, de certo e errado a cerca de escolhas e atitudes. Nos relatos, o principal fator que influenciou na discussão e entendimento sobre a sexualidade foi à classe social.

As entrevistadas relataram, principalmente, sobre as brincadeiras de seus filhos e filhas, as relações destes em sociedade e a educação sexual que os proporcionaram.

REGISTRO DE MEMÓRIAS

A.V.P.

A entrevistada A. V.P é a primeira filha de três, tem 43 anos é professora, divorciada e tem um filho, é de família tradicional e de origem rural.

E em que momento da infância do seu filho você percebeu as descobertas da sexualidade? E como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças, na idade de quatro a dezessete anos?

A bom meu filho ele sempre teve aquele lado mais apurado da sexualidade... ele tem uma prima... só que ela teve um problema com mais ou menos um ano ela teve uma febre muito alta com convulsão e essa convulsão deu um problema de D.I... ela é deficiente intelectual

E nessa idade que tipo de brincadeiras entre os meninos os seus filhos mais gostavam de brincar?



- A quando ele tinha três anos de idade ele já começou as descobertas sexuais com a prima que tinha 6 anos de idade... não podia deixar os dois sozinhos... porque ele queria...
- E em sua opinião... o que essas brincadeiras representavam para eles?
- A tinha curiosidade de uma criança de três anos que está na fase oral e ela tinha seis anos com idade intelectual de uma criança de três anos... foi onde começou a descoberta da sexualidade dele.
- E como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre eles?
- A ele desde pequeno sempre foi muito namorador...ele namorava as meninas da escola dele... só que elas não sabiam.
- E nessas brincadeiras... era possível perceber se já havia – por parte das crianças – uma compreensão sobre a sua sexualidade?
- A sim... ele era muito interessado em sexo
- E que tipo de educação sexual você proporcionou ao seu filho?
- A a minha irmã do meio é homossexual... então com onze anos de idade começaram os questionamentos... porque a tia só tinha amigas... nesse momento houve a necessidade de falar sobre sexualidade... que a princípio causou muita curiosidade... mas... depois passou.
- E conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família... na escola e no contexto social em que vivem
- A outro tipo de experiência que eu tive na sexualidade foi na minha infância com a minha irmã...a minha irmã era assim... todo ano a gente acreditava em papai Noel e a gente escrevia uma cartinha....nós somos em três...sou a mais velha essa minha irmã é a do meio e a caçula....nós somos de dois em dois



anos lá em casa....e o que a gente pedia...eu pedia boneca... bercinho de boneca... panelinha... a minha irmã caçula pedia batom porque ela gostava muito de batom, sandália de salto, vestido... e o que essa minha irmã do meio pedia...bola... capacete metralhadora... carrinho... sempre teve o quê? Os brinquedos diferenciados de nós... até então a gente achava que era uma coisa normal

E você procura dialogar com seus filhos adolescentes orientando-os sobre o namoro e a preparação para o futuro casamento? em caso positivo... como é feita essa orientação?

A desde que ele começou a namorar eu sempre orientei sobre o uso de preservativo e o perigo das doenças sexualmente transmissíveis... mas mesmo assim ele engravidou uma menina e vai ter um filho ainda adolescente... ela também é adolescente

E quais valores você procura mostrar aos seus filhos para a construção de um relacionamento “saudável”?

A arcar com as consequência de seus atos

E em que momento da vida de seus filhos... você viu a necessidade de dialogar com eles sobre as relações de amizade e de namoro?

A desde que ele começou a questionar sobre a tia que é homossexual... sempre mantive um canal aberto para o diálogo

E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre educação sexual e as relações de gênero?

A em função da homossexualidade de minha irmã... quando surgiram os primeiros questionamentos



- E para finalizar... deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos seus filhos em relação às descobertas da sexualidade?
- A vou falar da minha experiência com minha irmã... pode ser?
- E sim... claro
- A chegava a época de férias nós íamos pra fazenda...passávamos as férias todinha lá... qual era a minha tarefa? limpava o quintal ajudava a minha mãe... a minha irmã caçula brincava de casinha... fazia fogãozinho e a minha irmã do meio não... ela fazia o que? ela ia para o campo com meu pai... parecia um menino atrás do meu pai...todos os trabalhos que um homem fazia... ela fazia... ela montava a cavalo... dirigia o trator... ela lidava com o gado... totalmente diferente das outras duas... e o tempo foi passando...se tornou adolescente...uma menina muito bonita, muito paquerada....agora as pessoas ficam... naquela época as pessoas paqueravam... quando ela tinha 18 anos ela teve um namorado... namorou um rapaz por dois anos e com 18 anos ela realmente descobriu a sexualidade dela... que ela não gostava de homem... ela gostava de mulher... foi um impacto muito grande pra família... os meus pais não aceitavam... ela também com uma personalidade muito forte... bateu de frente principalmente com meu pai... ela queria sair a hora que ela quisesse e chegar a hora que ela quisesse... e com isso ela não atendia as regras... foi aonde ela saiu de casa e foi morar na casa de amigos... tá... minha mãe sofreu muito... meu pai sofreu muito... e foi passando... e ela sempre vinha com amigas
- E mas a família ainda não sabia?
- A até então a família ainda não sabia... ai um belo dia ela contou para a minha mãe que ela não gostava de homem... gostava de mulher.
- E a primeira pessoa da casa a saber?



- A foi a minha mãe
- E nem você sabia?
- A nem eu e nem a minha outra irmã... ai quando foi um dia... esse dia...como são as coisas ...ela tinha uma personalidade tão forte que quando meu pai construiu a casa ele fez um quarto enorme para caber as três camas juntas.... ela não... ela foi pro quarto de visitas...comprou um cama e colocou lá... para ficar separada de nós... não sei era a forma que ela se sentia... da forma que ela era... até uma forma de exclusão assim entre aspas... ela era diferente... e o tempo foi passando e ela sofreu muito... a vida ensinou... o mundo ensinou... eu... ela não tinha... a gente se fala... tudo... porque... pelo sofrimento eu fiquei do lado da minha mãe pelo sofrimento da minha mãe... ela falava mais com minha outra irmã... e aquele sofrimento da minha mãe eu me doía por ela... minha irmã caçula teve mais acesso a ela... ela passou até fome... ela sofreu... o mundo... sabe aquela pessoa que aprendeu com o mundo?... foi ela... mudou-se daqui foi para Dourados e lá ela vivia com uma menina... uma mulher que era professora que influenciou ela pra esse lado... do que ela é hoje... ela é uma professora... uma arte educadora... muito bem sucedida graças à Deus... uma pessoa muito responsável... foi lá em Dourados que ela estudou e se formou

A mudança de cidade da irmã de A.V.P. pode ser explicada com a passagem de Gayle Rubin ao tratar dos migrantes sexuais, motivados, principalmente, a "livrar-se do ambiente aversivo em que se encontram" (RUBIN, 2003, p. 50).

A sexualidade dissidente é mais rara e mais estreitamente vigiada nas cidades pequenas e na zona rural. Consequentemente, a vida metropolitana atrai os jovens pervertidos. A migração sexual cria aglomerados de parceiros, amigos e sócios. Ela permite que os indivíduos criem uma rede de relações adultas, semelhantes a relações de família, nas quais vivem. (RUBIN, 2003, p. 49).



Por outro lado, no momento em que os migrantes buscam sair de suas cidades alguns aspectos devem ser considerados além desses citados por Rubin Gayle, fugir da pressão da sociedade, da escola, das mídias e principalmente aquelas vindas da própria família.

A depois eu me tornei professora e com isso... os estudos que a gente vai fazendo dentro da psicologia né... a gente vê que essa sexualidade... nós nascemos com ela... não adquirimos assim com um certo tempo... nós já nascemos com ela... ela já vem com a pessoa... muitos assim acreditam que pode ser um pouquinho de sem vergonha mesmo... o modismo... mas... a maioria das vezes a pessoa já nasce com aquilo... eu tiro pela minha irmã... ela gostava do quê... de brinquedo de menino... ela gostava de fazer serviços de homem... né... hoje ela vive muito bem... aí você se depara com o que o meu filho vai aceitar uma tia homossexual?... como que será?... ela não era só a minha irmã... ela não era só a filha do meu pai e da minha mãe né? ela não era só mais uma cidadã... uma pessoa no mundo lá fora... ela tinha sobrinhos... e nisso ela teve dois sobrinhos... aonde os meninos perguntavam... porque que a tia não tem namorado? a tia só tem amiga?... até que quando o meu filho tinha uns onze anos ela chegou e contou que ela não gostava de homem e sim de mulher... eles tiveram assim uma aceitação muito boa... o meu sobrinho ele não tem só a minha irmã a tia materna... mas... a tia paterna também.

M. P.

A entrevista com a senhora M.P foi um tanto tensa nos primeiros momentos, mas depois ela ficou à vontade e falou sobre suas vivências com seus quatro filhos sendo que três são meninas e um menino. Sua história é permeada por grandes dificuldades financeiras e de convivência com um pai extremamente violento. Em contrapartida a esse pai violento, sua mãe foi sua base e apoio para a criação de seus filhos. Era com a sua mãe que seus filhos ficavam para que ela pudesse trabalhar. Ela estudou só até o ensino fundamental e trabalha como diarista em várias residências.



- E em que momento da infância dos seus filhos você percebeu as descobertas da sexualidade? e como eram vivenciadas as brincadeiras pelas crianças, na idade de quatro a dezessete anos?
- M é que eu tenho três meninas e um menino né... e as meninas eram muito caseira... estavam sempre dentro de casa... cuidando da casa... das obrigações... porque eu sempre trabalhei... já o menino foi diferente... com oito pra nove anos de idade já foi pra rua... não obedecia as irmãs e começou a me dar dor de cabeça desde cedo
- E nessa idade que tipo de brincadeiras entre os meninos os seus filhos mais gostavam de brincar?
- M não percebi nada de diferente... só a menina a caçula que era diferente né... ela não gostava de vestir as roupas de menina... ela gostava das roupas do menino... usava roupa do irmão... eu estranhava... mas como né... ela não gostava de usar calcinha... sandália... chinelo de menina... só tênis e chinelo de homem... diferente das irmãs dela
- E era só no vestuário ou nas brincadeiras também?
- M só no vestuário.
- E em sua opinião, o que essas brincadeiras representavam para eles?
- M elas nunca brincaram... nunca brincaram... foram aquelas crianças assim... que nunca gostaram de brincar... minha culpa também... porque nunca comprei brinquedos pra elas... por causa das dificuldades né... nunca sobrava... elas queriam mais não podia comprar né?
- E nesses momentos... era possível perceber se já havia – por parte das crianças – uma compreensão sobre a sua sexualidade?



M não eu não percebia nada

E que tipo de educação sexual você proporciona aos seus filhos?

M eu nunca conversei sobre sexo com eles... eu fiz como a minha mãe fez comigo... nunca falei sobre essas coisas... minha mãe só deixou eu namorar depois dos quinze anos... só que depois dos quinze anos eu não obedeci mais a minha mãe e até hoje eu sofro as consequências... eu era muito baileira... tenho quatro filhos cada um de um pai

E você procura dialogar com seus filhos adolescentes orientando-os sobre o namoro e a preparação para o futuro casamento? em caso positivo... como é feita essa orientação?

M só sobre namoro as meninas só começaram a namorar depois dos quinze anos como eu... agora o menino eu não sei... por que ele saiu de vez de casa com doze anos

E quais valores você procura mostrar aos seus filhos para a construção de um relacionamento “saudável”?

M eu sempre trabalhei a vida inteira... nunca tive tempo pra falar com meus filhos sobre essas coisas... eu não achava que era preciso

E em que momento da vida de seus filhos você viu a necessidade de dialogar com eles sobre as relações de amizade e de namoro?

M eu nunca conversei com eles sobre essas coisas... eu fiz igualzinho a minha mãe... nunca falei sobre sexo com eles... a minha mãe só me deixou namorar depois que fiz quinze anos... então eu me sentia muito presa... depois que fiz quinze anos ai eu não obedecia mais a minha mãe... não obedecia mesmo

E quais fatores contribuíram para que você optasse por não discutir sobre educação sexual e as relações de gênero?



- M por respeito... não queria que eles fossem embora antes dos quinze anos... eu não percebia a necessidade de falar dessas coisas
- E para finalizar... deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelos seus filhos em relação às descobertas da sexualidade?
- M as irmãs não aceitam que minha filha caçula namore outra mulher... eu também não aceito conhecer nenhuma namorada dela... eu não aceito.

Na perspectiva da teoria da sexualidade de Freud, a criança deve ser esclarecida sobre a sexualidade, pois ela é dotada desta desde o nascimento, a negação desta condição não propicia uma reflexão necessária para compreender e desenvolver na criança sua autonomia de sentimentos e convicções morais sobre o tema em questão.

A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem. Assim, no final do curso elementar [Volksschule], antes que inicie o curso intermediário [Mittelschule], isto é, em torno dos dez anos de idade, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da sexualidade humana e sobre a significação social desta. A época da confirmação seria a mais adequada para instruir a criança, que a essa altura deverá ter um completo conhecimento de todos os fatos físicos, sobre as obrigações morais que estão associadas à satisfação real do instinto. Um esclarecimento sobre a vida sexual que se desenvolva de forma gradual, nos moldes que acima descrevemos, sem interrupções e por iniciativa da própria escola, parece-nos ser o único que leva em conta o desenvolvimento da criança e que consegue evitar os perigos que estão envolvidos. (FREUD, 1976, s/p)

Percebe-se nas entrevistas que ainda continua-se a negar as crianças as informações necessárias sobre sua sexualidade, o que torna algo que deveria ser natural em um assunto cercado de segredos e tabus. Freud respondeu sobre a sexualidade das crianças na carta aberta ao Dr. M. Fürst em (1907), apesar de já ter nesta época escrito Os Três ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, uma de suas principais obras. Na qual, no primeiro ensaio aborda sobre as perversões sexuais, no segundo sobre a sexualidade infantil e, no terceiro, as transformações da puberdade.



Após encerrar as perguntas com M, ela se sentiu muito a vontade para relatar as suas concepções e valores acerca das questões relativas às práticas sexuais. Apesar de ter tido vários parceiros sexuais ao longo de sua vida, ela não se mostra tão aberta à discussão sobre este assunto. O que num primeiro momento parece ser contraditório, mas fazendo uma reflexão mais acurada e desprovida de preconceitos, podemos entender o lugar de fala de M.

A.R.G.

A.R.G. é engenheira, divorciada e mãe de duas filhas, uma de dez e outra de quatorze anos. Sua família é tradicional e seus pais muito conservadores, o que teve grande influência no relacionamento e educação sexual que proporciona para as suas filhas. A sua entrevista foi bastante descontraída e ela respondeu tranquilamente sobre todas as questões postas.

E como eram vivenciadas as brincadeiras das crianças na idade de quatro a dezessete anos?

A nessa idade as crianças... eu tenho duas meninas... então elas só brincavam realmente com de brincadeiras de meninas.... brincavam de casinha... de fazer as coisas... mas também elas tinham... desenvolviam algumas brincadeiras de construção... então a gente construía naves... fazia viagem espacial... brincadeira de pintura... e quando ia bastante criança em casa elas interagem com tudo que tinha de disponível pra brincar

E nessa idade que tipo de brincadeiras entre meninos e meninas as suas filhas mais gostam de brincar?

A é... elas gostavam de brincar de coisas de imaginação... de fazer caça ao tesouro... principalmente quando tinha menino junto era caça ao tesouro.... guerra nas estrelas lá... *star wars*... etc

E na sua opinião... o que essas brincadeiras representavam para elas?



- A ah... eu acho que estavam... vivenciando o que elas viam nos filmes... nos desenhos... nas histórias que elas estavam acompanhando... curtindo naquela idade... cada idade tinha um... tinha a idade da Pequena Sereia... da Mulan... cada época que tinha um personagem e elas representavam aquilo nas brincadeiras
- E como essas brincadeiras possibilitavam a convivência entre meninos e meninas?
- A é... como eu falei... como eles assistiam juntos o filme que tava na época... Piratas do Caribe... Nárnia... Crônicas de Nárnia... eles representavam os personagens... então assim... Nárnia que ela legal que elas tinham dois amigos quase da mesma idade... então ficavam os dois meninos e as duas meninas e eles faziam toda a historia do Nárnia... vestiam... a gente fazia vestimenta para eles de espada... um tinha a espada... outro tinha o arco... cada um tinha algo do personagem e eles representavam e conseguiam se interagir tranquilo e não tinha problema entre meninos e meninas... nessa idade dos dez aos doze anos... hoje já tá mais difícil
- E nessas brincadeiras... era possível perceber se já havia - por parte das crianças - uma compreensão sobre a sua sexualidade?
- A é... eles tinham né... cada um sempre assumia o personagem do sexo... do gênero sexual... e elas não queriam... se você falava "ah... Você vai ser o personagem tal"... se fosse homem elas não queriam... elas queriam ser as meninas... por exemplo na Merida... todas elas queriam ser a Merida... não queriam ser o pai da Merida porque ele era muito feio né ((riu))... mas assim... elas já não trocavam de personagem... elas sempre queriam ser o personagem do sexo delas
- E que tipo de educação sexual você proporciona às suas filhas?



- A então... essa é uma parte complicada... porque quando começou a época de aprender... hoje nas escolas já dá a parte de educação sexual... então muito cedo... com nove anos... eu já fui atrás de informação né... como eu ia passar pra elas de forma natural... então a gente comprou livrinhos... sentamos e conversamos uma com a outra... foi passado sempre na idade que já na escola ia acontecer... então assim... a gente passa na forma natural... um tabu muito grande porque eu não tive isso... quando na minha época de aprender sobre sexualidade... minha família é muito... conservadora... então eu não tive nenhuma informação... e apesar de eu ter irmãs mais velhas... ninguém nunca me falou sobre sexualidade... eu fui aprendendo no dia-a-dia... então pra passar para as meninas... eu procurei minha médica... procurei o pediatra delas... conversei... fui numa consulta com o pediatra... perguntei como era a maneira mais natural de mostrar isso... de fazer esse acompanhando e aí foi só por causa da primeira vez... depois... agora já é natural... a gente conversa abertamente sobre tudo
- E conte-nos como é o relacionamento entre meninas e meninos na sua família, na escola e no contexto social em que vivem?
- A olha... a princípio elas não têm divergências... primos e primas brincam... os amiguinhos também... sempre tiveram essa convivência... não tem essa restrição de menino e menina... "ah... num lugar fica só o grupinho de meninas..." não tem... mas na escola elas já começaram... por causa da idade... a mais velha tá com 14 anos... então elas formam o grupo mais das meninas... mas elas interagem com os meninos que elas convivem... que elas fazem trabalhos... tudo então elas têm um relacionamento... gera de vez em quando... aparecem uns que gostam de um... de outro... aquela bagunça... então não é mais como era quando elas eram pequenas... tem uma seletividade... os meninos separados das meninas



- E você procura dialogar com suas filhas adolescentes orientando-as sobre o namoro e a preparação para um futuro casamento? em caso positivo... como é feita essa orientação?
- A sim... isso já venho falando quando já está mais adolescente... porque ela inclusive já teve namoradinhos... e ela veio perguntando "mãe... como é que? o menino quer namorar comigo..." a gente conversa... ela mesmo toma as decisões... eu dou todo o encaminhando... falo "o relacionamento é seu"... até pra ela não pegar o padrão meu de relacionamento... que não é copiável ((riu)) ninguém deve copiar meu relacionamento... e preparação para um futuro casamento também é assim... a decisão vai ser delas... coloco na mão delas toda orientação e elas tomam toda decisão... nunca proibi de namorar mas também não fico incentivando... às vezes até pergunto... porque ela terminou com o namorado... falei com a psicóloga também... eu tive todo o cuidado de saber se isso não tava atrapalhando... se ela não pegou nenhum padrão... mas foi por vontade dela... porque tava atrapalhando os estudos... foi uma decisão dela
- E quais valores você procura mostrar às suas filhas para a construção futura de um relacionamento "saudável"?
- A primeira coisa é o respeito mútuo... o valor principal é você respeitar o outro... o companheiro... você tem que ter muito respeito e tem que gostar... tem que saber relevar... a pessoa não vai ser perfeita... ninguém vai ser perfeito... hoje a gente não acha aquele par perfeito... aquele príncipe que tem no desenho que vai de cavalo branco não existe... pode riscar do mapa que não existe... Então a gente fala a realidade e o que tem que saber... se aquilo está sendo saudável, não adianta só você respeitar e o outro não... tem que ser saudável para os dois



- E em que momento da vida de suas filhas você viu a necessidade de dialogar com elas sobre as relações de amizade e de namoro?
- A então... cada uma é diferente... a mais velha eu tive que falar com dois anos de idade porque ela já entrou na escola e falou que ia casar com o menino da escola que é bonitinho... mas cada hora com uma forma diferente de acontecimento... a mais velha desde pequena a gente já conversa isso... tem as fases... ela já entrou na fase de ter namoradinho sério... de vir aqui em casa e ir na casa dele... e a gente fala abertamente de todas as relações e o que pode acontecer dentro de um namoro e ela tem consciência de tudo... já a mais nova... eu vejo assim... quando elas despertam aquela vontade e eu to vendo o comportamento... eu sento e converso... a mais nova ainda não tá na fase de namorar... ela não gosta... se você falar "ah o menininho"... ela não gosta... ela brigou com um menino que pegava carona com a gente porque a gente falava que ele gostava dela... nunca mais quis conversar com o menino... isso há uns dois anos atrás... então a gente tenta respeitar
- E quais fatores contribuíram para que você optasse por discutir sobre a sexualidade com suas filhas?
- A informação que tá muito a disposição... as crianças hoje têm acesso a tudo... então o quanto antes eu conseguir falar e ter essa relação aberta com elas... melhor vai ser para elas não tomarem... avaliar equivocado... o *YouTube*... internet tem informação de qualquer jeito... demais... e às vezes elas ainda não estão preparadas para receber tudo isso de informação... além de que com nove anos... nas escolas já tem a matéria de sexualidade... educação sexual... menino... menina... então o quanto antes a gente conversar melhor... hoje têm livrinhos infantis que fala sobre a sexualidade... eu percebi que eu tinha que correr e não deixar o negócio ir pra frente... se não você perde o momento



- E você recebeu em algum momento da sua vida orientação sobre educação sexual e as relações de gênero?
- A não... ((riu)) nunca recebi orientação... o que eu tenho de orientação hoje eu que busquei... fui atrás de livros... de médicos... primas... pessoas mais velhas... por causa da família... porque assim a nossa família é uma família tradicional... então tem muito tabus... então assim... eu fiz terapia para o meu problema sexual... superar aquele tabu da parte sexual... porque assim... eu tinha muito bloqueio... foi através de uma terapia com um psicólogo que eu consegui superar... por falta dessa orientação que eu não tive... então aí a minha preocupação de passar tudo para as minhas filhas... para que elas não passem pela mesma situação
- E para finalizar... deseja relatar-nos algum acontecimento marcante vivido pelas suas filhas em relação às descobertas da sexualidade?
- A o primeiro namorado da minha filha... que ela foi perguntar... a minha reação foi assim... bem inusitada... ela falou "mãe tem um menino querendo namorar comigo" e eu fiquei assim... "e agora o que o eu faço?" não podia reprimir ela e não podia ficar tão feliz... eu fiquei feliz por ela ter achado um menino que tivesse o mesmo nível que ela para se relacionar... e foi muito interessante ver o desenrolar... ela também ficou com medo de falar... primeiro ela contou para o pai... porque ela ficou com mais medo de mim do que do pai ((riu)) e eu fiquei assim "você ficou com medo de eu te reprimir?"... e depois disso teve outro namoradinho... cada ano é um ((riu)) ela é muito resolvida... melhor que a mãe... e a gente tem uma relação muito legal... tudo que acontece... ela fala comigo e vem conversar.... foi legal que da primeira vez o choque foi meu... escutar aquilo dentro do carro... eu quase bati o carro ((riu))... mas assim passei por cima e a gente conseguiu não perder esse relacionamento... porque se eu reprimisse nunca mais ela falaria comigo... perdia o momento



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três entrevistadas possuem aspectos em comum, como a pouca diferença de idade e o fato de não terem uma educação sexual na sua adolescência, apesar de A.V.P. não deixar isto explícito. No entanto, esses pontos refletiram de maneira diferente, tendo em vista que a classe social teve grande influência.

A.V.P. têm uma irmã homossexual e isto foi decisivo na educação sexual que proporcionou ao seu filho. Mesmo alegando que desde cedo seu filho era "interessado em sexo" (A.V.P., 2017), ela viu a necessidade de dialogar sobre o assunto apenas quando o menino começou a questionar sobre a tia, e, depois, abordando mais diretamente sobre as relações sexuais, quando ele começou a namorar e, a partir daí, passou a dar as devidas orientações. O relato de A.V.P. é definido pela questão da irmã ser homossexual e, durante toda a entrevista, ela aponta questões relacionadas à ela, sempre resgatando como isto foi marcante e importante para a concepção que tem hoje.

M.P. proporcionou uma entrevista simples. Assim como muitas mulheres, provedoras do lar, que criam seus filhos sozinhas, sua vida é marcada por dificuldades e pelo trabalho intensivo para o seu sustento e de seus, o que não lhe possibilitou muito contato com estes e não conseguiu responder alguma das perguntas, importante apontar que as filhas eram quem cuidavam de casa e o filho saiu de casa ainda criança. Seu principal medo era que as filhas saíssem de casa ou a desrespeitasse muito cedo, assim como ela fez com a mãe, de modo que achou melhor não tratar sobre sexualidade e namoro antes das filhas completassem quinze anos. M.P. pode ter considerado o diálogo sobre o tema como um incentivo.

A.R.G. relata uma relação muito aberta e de confiança com suas filhas. Estas tiveram e ainda tem uma infância e adolescência muito aproveitadora, com diversas brincadeiras que proporcionam a interação entre meninos e meninas. O tema sexualidade, na perspectiva biológica, foi abordado dentro de sua casa, principalmente quando as meninas começaram a estudar o assunto na escola, tendo o cuidado de passar toda a informação de forma correta e natural, buscando a ajuda de livros e médicos, respeitando as escolhas de suas filhas e os acontecimentos da vida das mesmas, de modo a passar o que há de



necessário no momento. O relato mostra uma relação de confiança e respeito entre mãe e filhas.

Além disso, A.R.G. tem uma família muito conservadora e não teve orientações sobre gênero e sexualidade, sendo isto um grande tabu em sua casa, causando-lhe alguns bloqueios que tiveram que ser resolvidos com terapias. Isto foi decisivo para a educação que deu às suas filhas, apontando a preocupação de passar-lhes toda informação, "para que elas não passem pela mesma situação" (A.R.G., 2017). Diferente do que aconteceu com M.P., que, assim como sua mãe, não conversou sobre o tema com seus filhos, apontando que não queria que eles saíssem de casa, assim como ela fez.

O estudo das vivências mostra como acontecimentos semelhantes podem refletir de diversas maneiras na vida de alguém. Os relatos apontam como entendimento e a importância do diálogo sobre sexualidade é vista de modos diferentes de acordo com a faixa etária, classe social, religião, entre outros aspectos. Louro (2000, p. 21) aponta que "os discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando" e as entrevistas mostram estas modificações, o conflito de gerações.

O diálogo entre pais e filhos sempre foi muito importante, tendo em vista que a informação pode ser passada de forma mais clara e com confiança dentro de casa. Além disso, atualmente, considerando a difusão de informações na internet e o fácil acesso que crianças e adolescentes têm, é indispensável o cuidado dos pais. Sobre isso, Louro (2000) disserta:

A evidência da sexualidade na mídia, nas roupas, nos shopping-centers, nas músicas, nos programas de TV e em outras múltiplas situações experimentadas pelas crianças e adolescentes vem alimentando o que alguns chamam de "pânico moral". No centro das preocupações estão os pequenos. Paradoxalmente, as crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito "sabidas" e, então, "perigosas", pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais. Para muitos, elas não são, do ponto de vista sexual, "suficientemente infantis" (Epstein e Johnson, 1998, p.120). (LOURO, 2000, p. 17).

Os pais devem garantir um relacionamento bom com seus filhos e assegurar, assim como A.R.G. expõe em sua entrevista, que as crianças não tomem conhecimentos, decisões e avaliações equivocadas sobre as relações de gênero e a sexualidade. Tendo em vista que tais concepções e reconhecimento fazem parte da construção da identidade de cada um, bem como a importância do diálogo relacionado à questão biológica do assunto, visando o cuidado com o corpo e a saúde.

REFERÊNCIAS

A.R.G., **Memórias de Mães e/ou Pais Sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero dos/as Filhos/as**. Ago. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a BARBACENA, I.R., OLIVEIRA, J. R. O.

A.V.P., **Memórias de Mães e/ou Pais Sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero dos/as Filhos/as**. Ago. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a BARBACENA, I.R., OLIVEIRA, J. R. O.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. O esclarecimento sexual das crianças. (1907 - v. 9).

LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

M.P., **Memórias de Mães e/ou Pais Sobre as Vivências da Sexualidade e Relações de Gênero dos/as Filhos/as**. Ago. 2017 UEMS. Campo Grande, MS. Entrevista concedida a BARBACENA, I.R., OLIVEIRA, J. R. O.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. [S.l: s.n.], 2006.

PRETTI, Dino (org.). **Análise se textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

RUBIN. Gayle S. **Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. In: Cadernos Pagu. Campinas. Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. (21). 2003. 1-88p.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. O esclarecimento sexual das crianças. (1907 - v. 9).